

GRATER – Associação de Desenvolvimento Regional

OLHAR O MUNDO RURAL

N.º 26 outubro/19



PROJETOS EXEMPLARES
**Energia verde
no Centro Social
de São Brás**

PÁGINA 6



MARTA GUERREIRO
**Comunicação
inteligente
facilita turismo**

PÁGINA 4 E 5

PÁGINA 7

REAÇÕES AO WORKSHOP SOBRE PRODUÇÃO DE LEITE E CARNE BIO

PECUÁRIA EM MODO BIOLÓGICO PODE SER CAMINHO A SEGUIR NOS AÇORES



PRORURAL+





Cooperar é palavra de ordem

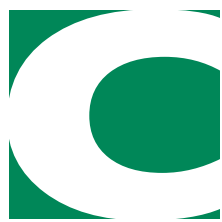
A publicação desta edição coincide com a entrada em mais uma época outonal, cuja típica e acolhedora luz do final de tarde, para além de dar um colorido especial às verdejantes paisagens da nossa terra, esperamos possa ser uma boa companhia para a leitura das matérias que no seu interior versamos.

Cooperação é a palavra de ordem, na medida em que segue em ritmo de cruzeiro o desenvolvimento e implementação de vários projetos da GRATER no âmbito da cooperação LEADER. São, nesse sentido, várias as referências aos mesmos. Um desses projetos tem lugar de destaque, sendo o mote para a entrevista à senhora Secretária Regional da Energia, Ambiente e Turismo, Marta Guerreiro.

Falamos do projeto "Smart Islands" que tem a peculiaridade de, com coordenação da GRATER, juntar num esforço conjunto todas as quatro associações de desenvolvimento regional dos Açores gestoras de fundos do programa PRORURAL+, nomeadamente, a ADELIAÇOR, ARDE, ASDEPR e GRATER. Após a implementação deste projeto, a oferta e experiência turística nos Açores, com recursos a novas tecnologias em matéria de sinalização turística inteligente, nunca mais serão as mesmas. É, seguramente, um projeto que vale a pena acompanhar num futuro próximo.

Para além disso, vamos ainda à Graciosa falar sobre o importante trabalho da Associação dos Agricultores da Graciosa e, por falar em trabalho importante, fazemos também referência ao Centro Comunitário de São Brás.

A terminar, podendo-se guardar para um dia em que as temperaturas estejam mais diminutas, uma visita à Padaria que vos apresentamos para degustar um pão acabado de sair do forno é, seguramente, sempre uma boa sugestão.



Curiosidades... ...do mundo rural

Os moinhos nórdicos da Graciosa

Cúpulas de tom vermelho irrompem no céu da Graciosa. Os moinhos de vento do início do século XX já não têm a mesma função, mas mantêm o seu lugar na paisagem: não moem cereais, mas albergam turistas e famílias graciosenses em férias.

É na segunda ilha mais pequena dos Açores que estes moinhos – agora recuperados – existem em maior número. Afinal, a Graciosa foi, naquele tempo, uma das maiores produtoras de cereais do arquipélago. O trigo, o milho, a cevada – e, já agora, a vinha também – faziam mover a economia local. Os cereais serviam não só a população graciosense, mas também as restantes ilhas e, até, o continente. A Graciosa foi, no século XX, a maior exportadora de cevada dos Açores.

Sabe-se, hoje, que os moinhos de vento que pintam a paisagem da ilha branca são de origem nórdica. Estudos desenvolvidos na Universidade dos

Açores permitiram concluir que aquelas estruturas provêm da Suécia. Daquele país passaram para Inglaterra e foi a partir daí que chegaram ao arquipélago, pela mão dos ingleses que se fixaram em São Miguel, no século XIX, por altura do chamado ciclo da laranja. Só mais tarde aportam na Graciosa, com a chegada do construtor Francisco Cordeiro, micaelense que ali difundiu os moinhos de vento.

Os registos dizem que em 1911 eram apenas sete as estruturas de moagem a vento naquela ilha; na década de 40 passaram a 26. São de dois tipos: de base fixa, em pedra, e o giratório, de madeira. Ainda assim, são os primeiros, os de pedra, que existem em maior quantidade. Têm três pisos e a maior parte da engrenagem encontra-se na cúpula; no exterior, em alvenaria, encontram-se algumas janelas e duas portas. Já não se abrem para os cereais moídos, é certo, mas mantêm um encanto nórdico na ilha branca.



Associação dos Agricultores da Graciosa

“Somos o sindicato da lavoura”

A Associação dos Agricultores da Graciosa foi fundada há 33 anos com um propósito basilar: defender os interesses da lavoura da ilha. O organismo, associado da GRATER, mantém a missão, ainda que com desafios diferentes.



Corria o ano de 1986 quando a Associação dos Agricultores da Graciosa foi criada. Nos Açores, o associativismo no setor ganhava um novo fôlego e a lavoura graciosense juntou-se ao movimento. Era preciso defender os interesses dos produtores e encontrar soluções para os problemas da classe. Hoje, 33 anos depois, o desígnio mantém-se. “As associações, no meu entender, são o sindicato da lavoura. Nós existimos para resolver as dificuldades de quem trabalha na agricultura”, diz João Picanço, presidente do organismo.

João Picanço, que foi também sócio fundador, recorda bem esses tempos. Naquela época, o setor agrícola definhava naquela ilha e a produção de leite chegou a ser suspensa. “Achámos necessário juntar-nos e fizemo-lo com o nosso dinheiro. Cada associado pagou 20 contos para podermos ter esta associação”, lembra.

Coube à Associação dos Agricultores da Graciosa orientar os produtores no esforço de modernização das explorações, no reforço das ações de formação profissional e de informação. E a resolução de algumas crises, como a da encefalopatia espongiforme bovina, vulgarmente conhecida como doença das vacas loucas. “Nós ficámos sete meses sem exportar, mas com o secretário regional da altura, Fernando Lopes, conseguimos resolver. É por isso que a associação é muito importante: porque defende os lavradores”, sublinhou.

Hoje, os problemas do setor são outros. Podem não ter um impacto mediático tão claro, mas também prejudicam os agricultores. João Picanço refere-se, por exemplo, às alterações ao POSEI que, no seu entender, lesam as ilhas mais pequenas do arquipélago, nomeadamen-



FOTOGRAFIA Wikipedia

te a Graciosa. Os rateios à produção de leite e de carne são particularmente significativos, afirma, para os territórios de menor dimensão. “Nós somos ilhas da Coesão, ilhas da Biosfera. Para quê? Entendo que, tendo em conta estas condições, deveríamos ter um estatuto especial, condições específicas de apoio à produção”, sublinhou.

As circunstâncias são outras e, por isso, o papel da Associação dos Agricultores da Graciosa é outro, também. Agora, o organismo presta apoio aos seus associados, sobretudo, através dos serviços: venda de maquinaria, aconselhamento, inseminação artificial, contraste leiteiro... Segundo o líder da lavoura graciosense, há ainda espaço para melhorar essa ajuda, só que a ilha continua a ver-se a braços com o problema da desertificação e com a dificuldade em fixar quadros técnicos na ilha.

Em todo este processo e na sua história de crescimento, a Associação dos Agricultores da Graciosa

tem contado com a GRATER, de quem é associada. João Picanço, que acompanha as duas entidades desde o início, lamenta, no entanto, o peso da burocracia, as dificuldades impostas aos projetos que concorrem ao PRORURAL+. No futuro, diz, espera-se que a associação de desenvolvimento regional possa vir a ter um impacto maior no território rural graciosense, porque “é importante”.

Até lá, a associação da lavoura promete continuar a cooperar com

todos os organismos que trabalhem em prol do crescimento da ilha, mas sobretudo com as pessoas. Os jovens, por exemplo. Neste momento, há apenas três novos projetos agrícolas na Graciosa. É uma ilha pequena, mas com graça e potencial. “É a ilha que mais tem crescido em termos de produção de leite. Agora estabilizou, mas é um leite muito bom, dos melhores dos Açores. Aqui, nesta Reserva da Biosfera, também se pensa biológico”, afirma João Picanço.



Marta Guerreiro, secretária regional da Energia, Ambiente e Turismo

“Smart Islands” é uma solução inovadora para os turistas

O Governo Regional aliou-se ao Smart Islands. Trata-se de um projeto de cooperação LEADER, implementado, no território, pelos Gabinetes de Ação Local. Marta Guerreiro, governante, diz que este é o maior projeto de turismo inteligente a decorrer nos Açores.



Está em curso, nos Açores, o Smart Islands, um projeto de cooperação LEADER sobre destinos turísticos inteligentes. Qual é o envolvimento do Governo Regional nesta iniciativa? Por que motivo decidiu o Executivo açoriano aliar-se a esta ideia?

O setor do Turismo é aquele que tem vindo a apresentar um dos maiores desenvolvimentos ao nível mundial – face aos perfis dos consumidores e à utilização de novas tecnologias de informação –, mas também acrescidos desafios, principalmente porque deve ser uma atividade que faça jus às reais necessidades dos turistas. No que diz respeito a este projeto em específico, o mesmo vem mostrar que nos podemos destacar pela constante busca de soluções inovadoras para fazer face ao que as

personas procuram e precisam de um destino turístico, desde logo, as melhores ferramentas de informação e orientação, de uma forma inteligente e de fácil acesso. Com base nisto, o Governo dos Açores é parceiro de todas as iniciativas que se demonstrem atuais e que desenvolvam produtos que permitam qualificar e dar visibilidade à nossa oferta turística. Por estes mesmos motivos, não poderíamos deixar de ser parceiros na construção desta plataforma de sinalética e informação inteligente, que se apresenta como um projeto que potencia o território e os seus recursos por via de tecnologias que nos posicionam como um destino turístico inteligente. Esta é uma aposta que queremos levar a cabo, principalmente, em estreita colaboração com os mu-

nicipios.

Vai o projeto estender-se a todos os municípios da Região, fazendo uso, nomeadamente, do sítio visitadores.com?

O objetivo é, efetivamente, que o projeto se estenda a todo o arquipélago e consideramos que a plataforma turística por excelência para esta finalidade deverá ser o visitadores.com, por ser aquela que detém maior reconhecimento internacional, nacional e regional de informações sobre o destino, congregando todos os segmentos que possa interessar aos nossos turistas.

O projeto pressupõe a criação de um sistema de sinalização turística inteligente. Que passos está a Região a dar no sentido de

tornar os Açores num arquipélago voltado para o turismo inteligente?

De facto, este é o principal projeto com esta vocação, mas dada a sua transversalidade a todos os municípios e implantação territorial ampla, permitirá uma boa taxa de cobertura face aos nossos principais pontos de interesse turístico. Em todo o caso, não posso deixar de sublinhar a importância da Estratégia de Especialização Inteligente (RIS3) dos Açores no setor do turismo, contando com uma dezena de projetos que se enquadram nos objetivos específicos de “aumentar a produção científica de qualidade orientada para a especialização inteligente” e de “iniciativas de I&D de contexto empresarial, reforçando a ligação das empresas aos centros de investimento e o desenvolvimen-

to de projetos no ensino superior". Neste âmbito, acreditamos que por via deste projeto conseguiremos um modelo de desenvolvimento económico baseado no conhecimento e na inovação, tendo em vista uma região mais eficiente, mais competitiva e com níveis elevados de emprego, com três prioridades estratégicas: a aplicação das tecnologias de informação e comunicação, a identificação e atração de segmentos turísticos específicos ao nível internacional e o fomento das relações colaborativas e promoção de atividades inovadoras relacionadas com esta atividade.

O Smart Islands é um projeto implementado, no território, pelos Grupos de Ação Local. Qual é, na sua opinião, a importância do trabalho desenvolvido por estes grupos, nomeadamente na sinalização de matérias de interesse para o desenvolvimento rural?

É com grande satisfação que vemos este projeto ser concebido e implementado no nosso arquipélago, principalmente, por congregar esforços de todos estes Grupos de Ação Local e de todos os municípios da Região, evidenciando a transversalidade e esforço comum que o turismo consegue motivar. Temos vindo a acompanhar e a colaborar na sua visão estratégica e coordenação, para além de apoio financeiro, porque acreditamos que será um importante instrumento de desenvolvimento turístico. De facto, garantimos informação de qualidade, sobre produtos que também eles são de qualidade, dotando-nos de uma rede altamente qualificada de produtos e de serviços que

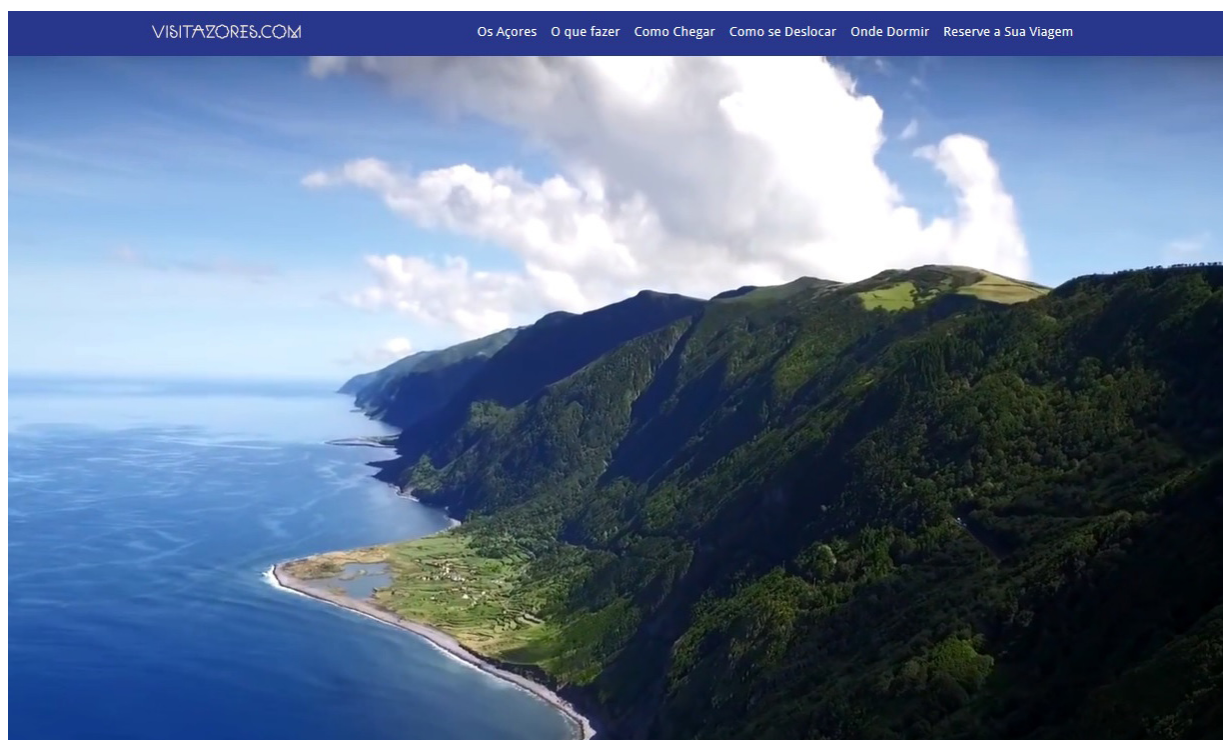


temos ao dispor em toda a Região, facilitando a procura dos nossos visitantes e dando-lhes um leque de opções descentralizado por todo o território, sem necessidade de utilizarem "roaming" ou transmissão de dados online.

Quais são, neste momento, as maiores preocupações do Governo Regional no que diz respeito à sustentabilidade do setor do turismo nos Açores?

Temos batalhado imenso na sustentabilidade do setor do Turismo nos seus três pilares: ambiental, social e económico. E se o fazemos é porque acreditamos que esta é a via através da qual poderemos aumentar o nível de responsabilidade para com todos, para com as pessoas: as que habitam um lugar e as que chegam a esse mesmo lugar, por via da curiosidade de o conhecer. Há sempre muito trabalho pela frente, mas neste rumo

pela sustentabilidade, já iniciado com uma dedicação transversal a vários setores de atividade, não posso deixar de destacar que, em concreto na atividade turística, é com grande entusiasmo e satisfação que verificamos o crescimento e projetos com estas preocupações em todo o arquipélago. Acreditamos que tal tem vindo a acontecer também pela nossa ação mais vinculada e pelo compromisso de certificação dos Açores como destino sustentável, distinção que pretendemos obter até ao final do ano. Podia responder que neste momento o que nos move é, e muito, garantir esta certificação, mas, no fundo, é muito mais do que isso, porque o trabalho para com a sustentabilidade não termina com a certificação, aliás, traz-nos novos desafios. E, alinhados com os indicadores para Portugal dos objetivos de desenvolvimento sustentável até 2030, neste momento estamos focados na implementação de políticas para promover o turismo sustentável, que criem emprego, promovam a cultura e os produtos locais, bem como o seu acesso, para além da salvaguarda dos nossos recursos naturais. Falar em sustentabilidade é falar na qualidade de vida dos açorianos e é isso que nos continuará a mover.



Centro Comunitário de São Brás

Um lar com ideais ecológicos

O projeto implementado no Centro Comunitário de São Brás é prova de que as preocupações com a sustentabilidade ambiental andam – e devem andar – a par e passo com as inquietações de ordem social. Ali, num pequeno lar da pequena freguesia do concelho da Praia da Vitória, há muito que se põem em prática medidas de poupança energética com recurso à produção própria de eletricidade. Agora, os responsáveis pela gestão daquele espaço decidiram ir mais longe.

Fausto Dâmaso, presidente do Centro Comunitário de São Brás, explica que o cuidado com o ambiente e com a poupança energética começou há já algum tempo. Primeiro, instalaram-se painéis que permitem aquecer água e produzir eletricidade; depois, e



passada essa fase, foi preciso encontrar soluções que garantissem a utilização dessas respostas sem percalços: isto é, água quente disponível durante mais tempo e maior produção de eletricidade. Foi por isso que o organismo – que para além do centro de convívio para 50 pessoas dispõe, ainda, de uma estrutura residencial com capacidade para acolher outras dez – decidiu recorrer à GRATER. No ano passado, o Centro Comunitário de São Brás apresentou, ao PRORURAL+, um projeto com um montante de 20.530,42 euros,

comparticipados a 100%, com o objetivo de instalar uma bomba de calor com reservatório de 700 litros e mais painéis fotovoltaicos, bem como um equipamento de compostagem de lixo e outro de redução do caudal, que permite a diminuição do consumo de água. Para além da preocupação ecológica, Fausto Dâmaso não esconde que estas opções têm em vista também, e naturalmente, uma poupança financeira. “No longo prazo, estes equipamentos vão acabar por pagar-se. Nós procurámos alternativas para

baixar o consumo de energia e, consequentemente, a fatura de eletricidade. Num dia muito bom conseguimos fornecer entre 18 e 20 quilowatts (kW); no inverno essa produção desce para seis ou sete kW diários, mas sempre são menos seis ou sete kW que pagamos”, sustenta.

É por isso, entende o responsável, que o apoio a este projeto foi fundamental. “Caiu do céu. É que por muito boa vontade que nós tivéssemos, nunca conseguiríamos, sozinhos, fazer face ao investimento”, sublinha.



Padaria Lília Contente

Produção de pão cresce em São Mateus



Há nove anos que a padaria de Lília Contente labora. É na Terra Alta, em São Mateus, que produz um pão “diferente”. O produto, diz-nos o marido da beneficiária, Avelino Contente, prima pela qualidade e pela inovação. Agora, aposta também num pão de batata-doce que é já um sucesso. “Estamos a pô-lo em cada vez mais supermercados e

mercearias e temos muitos clientes que vão só à procura dele”, garante. A aposta na diversificação nasce da noção de que “quem não segue em frente fica atrás dos outros todos”. Foi por isso, aliás, que para além de investir em novos produtos – doces, até – a padaria de Lília Contente foi alvo de melhorias. O projeto foi apresentado à GRA-

TER em 2016. Em causa estiveram obras de adaptação e ampliação, aquisição de equipamentos informáticos e produtivos (uma amassadeira, uma divisora semi-automática, uma divisora pesadora volumétrica, um carro cesto, tabuleiros de pastelaria, uma fatiadora de pão, um moinho, etc.), aquisição de vitrines expositoras, armários frigoríficos, uma bomba de calor, entre outros elementos.

O pedido de apoio enquadrou-se no objetivo “criação e/ou desenvolvimento de iniciativas empresariais em zonas rurais” da intervenção 6.4. O projeto, que permitiu criar um posto de trabalho, foi participado em 70% pelo PRORURAL+, no montante de 96.538,68 euros.

Avelino Contente critica a dificuldade do processo, mas garante que hoje a padaria produz mais do que quando abriu portas. São 400 pães por dia. E a procura continua a crescer.



GRATER aposta na formação em pecuária biológica

A GRATER - Associação de Desenvolvimento Regional organizou, no início desta semana - ao abrigo do projeto "Cultivar & Cooperar", da medida 19.3 da abordagem LEADER - o workshop "Pecuária em modo de produção biológica (MBP)" com o objetivo de dotar os produtores de ferramentas que lhes permitam, mais facilmente, optar pela conversão das suas explorações.

Anselmo Pires, presidente da Associação de Jovens Agricultores da Ilha Terceira, associada da GRATER, sublinha que a discussão em torno da produção biológica faz cada vez mais sentido. "Nós temos vindo a deparar-nos com bastantes dificuldades com o atual modelo de agropecuária e a verdade é que a produção em modo biológico, nomeadamente de leite, pode ser bastante interessante para os Açores. Optar por esse caminho pode dar-nos alguma esperança", sublinhou.

De acordo com o responsável, também produtor de leite biológico, os Açores têm boas condições para este tipo de produção, o que poderá tornar a conversão mais apelativa. "Todos os técnicos nos dizem isso e os dados de que dispomos vão no mesmo sentido: nós temos excelentes condições climáticas, recursos, pastagens... No entanto, temos apostado no caminho inverso, o da intensificação, mas eventualmente teremos de pôr um travão nisto.



FOTOGRAFIA Miguel Bezerra

Nós produzimos, na Região, cerca de 600 milhões de litros de leite... Se produzíssemos 400 em modo biológico, a um preço mais rentável, ficaríamos todos a ganhar", avançou. Neste momento, há na Terceira seis produtores de leite biológico certificados, ligados a um projeto que está prestes a chegar ao mercado. Anselmo Pires espera que nos próximos tempos possam aparecer mais. "Todo o bicho ao nascer é feio e nós ainda temos alguns receios. Mas a indústria já aumentou 10 cêntimos o litro de leite com promessa de novo aumento quando o projeto arrancar. Pode ser que nessa altura outros produtores achem interessante este modelo de produção", referiu.

Tem havido, também, algum desconhecimento em relação ao modo bio. Uma vez que não há, ainda, produção biológica de leite em Portugal, os Açores não tiveram um exemplo próximo por onde se guiar. Daí que a formação promovida pela GRATER, que decorreu na sede da Associação de Jovens Agricultores da Ilha Terceira, tenha insistido nas questões técnicas da produção e, muito, da legislação. "Eles ajudam-nos e nós, que estamos no terreno, ajudamos-os a eles também. É que há algumas regras que não são compatíveis com a nossa atividade. Há intransigências que não fazem sentido", defendeu Anselmo Pires.

Assim, durante dois dias, segunda

e terça-feira, os produtores da ilha Terceira ouviram falar sobre temas como o enquadramento, o conceito e os objetivos do modo de produção biológico; a legislação específica para o modo de produção biológico; a bovinicultura biológica de leite e carne (conversão para modo de produção biológico, alimentação, gestão de pastagens, sanidade e bem-estar animal, gestão da produção e de efluentes); processo de certificação e controlo (registos a manter pelos operadores e documentos); e acondicionamento e comercialização dos produtos (transporte, rotulagem e comercialização).

Orientaram este workshop os formadores Rosa Guilherme, Lázaro Simbine e Augusto Nogueira.



Açores têm condições muito favoráveis para a conversão da lavoura tradicional



O Diretor Regional do Desenvolvimento Rural afirmou no passado dia sete, na sessão de abertura do workshop "Pecuária em modo de produção biológico" - organizado pela GRATER - que existem nos Açores condições muito favoráveis para a conversão para a pecuária biológica, considerando que se trata de uma oportunidade que os produtores podem e devem saber apro-

veitar.

"A tradicional utilização de pastagens durante todo o ano, um sistema de produção em que os animais estão bem adaptados e a existência de apoios financeiros são condições favoráveis ao desenvolvimento da pecuária biológica nos Açores, que devem e podem continuar a ser aproveitadas pelos produtores", referiu Valter Braga.

Para Valter Braga, dada a crescente procura e valorização do mercado por produtos deste tipo e também o apoio que a futura Política Agrícola Comum (PAC) vai proporcionar a este tipo de produção, "os produtores devem encarar a pecuária biológica como uma alternativa viável".

"A colocação no mercado de carne, de leite ou de produtos hortícolas e frutícolas biológicos satisfaz as necessidades de cada vez mais consumidores e, ao mesmo tempo, contribui para a preservação de importantes e limitados

recursos", salientou, acrescentando que, deste modo, os Açores dão também um contributo para mitigar as emissões de metano e CO2 na agricultura.

Para o Diretor Regional, esta é claramente "uma nova e estimulante oportunidade" para continuar a diversificar a agricultura, proporcionando novas oportunidades de negócio, com mais valias confirmadas para os produtores, que tem mercado assegurado e que encontra muitos consumidores sempre desejosos de produtos novos, frescos e com benefícios específicos para a saúde.

Valter Braga frisou que, ainda este ano, o leite biológico será uma realidade nos Açores, adiantando que, no caso da carne de bovino, também já ocorreram avanços importantes, estando reunidas condições para a sua comercialização a breve prazo.

Festival do Peixe Seco considerado um “sucesso”



O Festival do Peixe Seco, que decorreu nos dias sete e oito de agosto na ilha Graciosa, foi considerado um “sucesso”. À Rádio Graciosa, Lázaro Silva, presidente da Associação de Pescadores Graciosenses, sublinhou a importância dos temas debatidos nas mesas redondas organizadas no evento, bem como a afluência de público, que superou as expectativas. Já Rodrigo Rodrigues, presidente da Câmara de Comércio de Angra do Heroísmo, associada da GRATER, deixou a porta aberta para possíveis reedições do festival.

O evento, uma parceria entre a Associação de Pescadores Graciosenses e a GRATER, com o apoio da Câmara Municipal de Santa Cruz, foi integrado nas Festas do Senhor Santo Cristo dos Milagres, que arrancaram a oito de agosto. Nesse dia, a organização optou pela apresentação de peixe seco confeccionado de várias formas: em caldeirada ou cebolada, acompanhado de massa doce e pão de milho.

No dia antes, a sete, foram organizadas duas mesas redondas. A primeira debruçou-se sobre o papel do movimento associativo nas pescas, tendo contado com Gualberto Rita, presidente da Federação das Pescas dos Açores, Jorge Gonçalves, presidente da Associação de Produtores de Espécies Demersais dos Açores, e Natália Henriques, coordenadora da Associação de Desenvolvimento Regional da Península de Setúbal. Já o segundo painel debateu a questão da valorização e inovação dos produtos da pesca. Cíntia Machado, presidente do conselho de administração da LOTAÇOR, Francisco Portela Rosa, diretor da Vianapesca, e Lázaro Silva, deram o seu contributo nesta discussão. Também Ana Fraga, investigadora da Universidade Nova de Lisboa, participou no evento, com uma conferência sobre “Oportunidades locais dos sistemas de monitorização eletrónica das atividades de pesca”.



Federação Minha Terra debate presente e futuro do Programa de Desenvolvimento Rural

Os coordenadores dos Grupos de Ação Local que compõem a Federação Minha Terra – como é o caso da GRATER – reuniram no passado mês de setembro com dois objetivos essenciais: fazer um balanço do Programa de Desenvolvimento Rural em curso (2014/2020) e iniciar a preparação do que programa que se segue (2020/2027).

O encontro, que decorreu nos dias 23 e 24 de setembro, na Lousã, foi precedido da realização de um inquérito aos grupos participantes, essencialmente sobre a sua pré-qualificação para 2014/2020; o contrato para a implementação da Estratégia de Desenvolvimento Local 2014/2020; a operacionalização dessa estratégia; o nível de satisfação com a abordagem territorial do Desenvolvimento Local de Base Comunitária 2014/2020; o futuro dessa abordagem nos anos de programação seguintes; a conjugação do Desenvolvimento Local de Base Comunitária com os objetivos do Desenvolvimento Sustentável; e o momento de afirmação de caráter nacional.

Neste sentido, no dia 23 de setembro foram partilhadas informações sobre as últimas reuniões institucionais da Federação Minha Terra, nomeadamente com o Ministro do Planeamento. Seguiu-se a primeira abordagem dos resultados aos inquéritos aos Grupos de Ação Local. Nesse dia, marcou presença no encontro o presidente da Associação Nacional de Municípios Portugueses, Manuel Machado, que falou sobre as perspetivas de futuro para as intervenções territoriais.

Já as conclusões sobre as atividades e posicionamentos futuros comuns em relação ao LEADER/DLBC, bem como o ponto de situação da assembleia-geral do Programa de Desenvolvimento Rural 2020, ficaram reservados para o dia 24 de setembro.

